

## **O Turismo em Ruínas e sua Relação com as Categorias do Método Geográfico: uma análise a partir da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Sabará, MG, Brasil<sup>1</sup>**

José Ângelo Carneiro<sup>a</sup>  
Valéria Lima Guimarães<sup>b</sup>

### **Resumo**

Este artigo aborda as ruínas sob o ponto de vista das categorias do método geográfico, considerando os processos que levam à modificação de sua forma, função e estrutura. O objetivo foi entender as ruínas como elementos ativos na composição das paisagens e de que maneira elas interferem na dinâmica das cidades. Para tal, realizou-se um levantamento teórico-bibliográfico, cuja intenção foi provocar reflexões acerca do papel das ruínas no contexto urbano, vislumbrando novas possibilidades de usos; notadamente, o uso turístico. Sob a denominação de turismo em ruínas, este estudo apresenta uma forma diferenciada de olhar este tipo de patrimônio tão ameaçado e pouco valorizado nas cidades. Com o intuito de aclarar tais ideias, foram utilizados os conceitos sugeridos por Milton Santos sobre as categorias do método geográfico que abarcam forma, função, processo e estrutura, que alinhados à proposta estética de Walter Benjamin e à filosófica de Georg Simmel contribuem para a desmistificação das ruínas como meros restos de edificações sem valor no tecido urbano. Ilustrando este artigo, temos as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Sabará-MG, como objeto empírico e elucidativo, que deu o suporte necessário para a compreensão das ruínas como elementos relevantes para o turismo no espaço urbano.

**Palavras-chave:** Ruínas; Espaço urbano; Categorias do método geográfico; Turismo em ruínas; Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Sabará-MG.

### **Abstract**

#### **Ruined tourism and its relation to geographical categories: an analysis based on the Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos in Sabará, MG, Brazil**

This article discusses ruins from the categories of the geographic method point of view, which considers the processes that lead to the modification of their form, function and structure. We sought to understand ruins as active elements in the composition of landscapes and how they interfere with the dynamics of cities. We conducted a bibliographical research on the role of ruins in the urban context regarding new uses, especially the Tourist use. Under the name of tourism in ruins, we present a different

- a. Mestre em Turismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Docente do curso Técnico em Turismo do Colégio Estadual João de Oliveira Botas, Armação dos Búzios, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: vigorito\_2005@hotmail.com
  - b. Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Docente do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: valeriaguimaraes@id.uff.br
1. A versão preliminar deste artigo foi apresentada no 2º Seminário Mineiro de Pesquisa e Inovação em Turismo, Belo Horizonte-MG, Brasil, novembro de 2017.

view of this type of heritage that is so threatened and undervalued in cities. To clarify such ideas, we used the concepts offered by Milton Santos on the categories of the geographic method that encompass form, function, process and structure. Aligned with Walter Benjamin's aesthetics and Georg Simmel's philosophical proposal, it helps demystify ruins as mere remains of worthless buildings in the urban fabric. We examined the ruins of *Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos* (Church of Our Lady of the Rosary of Black Men), in Sabará-MG, Brazil, as object of study that allowed us to understand ruins as relevant elements for tourism in urban space.

**Keywords:** Ruins; Urban space; Categories of the geographic method; Tourism in ruins; *Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos* in Sabará-MG.

## Resumen

### **El turismo en ruinas y su relación con las categorías de método geográfico: una análisis de la iglesia de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos en Sabará, MG, Brasil**

El presente artículo aborda las ruinas desde el punto de vista de las categorías del método geográfico, considerando los procesos que conducen a la modificación de su forma, función y estructura. El objetivo fue entender las ruinas como elementos activos en la composición de los paisajes y cómo interfieren con la dinámica de las ciudades. Para eso, se realizó un estudio teórico-bibliográfico, con la intención de reflexionar sobre el rol de las ruinas en el contexto urbano, indicando nuevas posibilidades de usos, sobre todo, el uso turístico. Bajo el nombre de turismo en ruinas, este estudio presenta una manera distinta de mirar este tipo de patrimonio tan amenazado y subvalorado en las ciudades. Para aclarar las ideas, utilizamos los conceptos sugeridos por Milton Santos sobre las categorías del método geográfico que abarcan forma, función, proceso y estructura, y alineados con la propuesta estética de Walter Benjamim y la propuesta filosófica de Georg Simmel contribuyen a la desmitificación de los conceptos de ruinas como simples restos de edificios sin valor en el tejido urbano. Ejemplificamos este artículo, con las ruinas de la Iglesia de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos en Sabará-MG, como un objeto empírico y aclarador, que proporcionó el apoyo necesario para la comprensión de las ruinas como elementos relevantes para el turismo en el espacio urbano.

**Palabras clave:** Ruinas; Espacio urbano; Categorías del método geográfico; Turismo en ruinas; Iglesia de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos en Sabará-MG.

## INTRODUÇÃO

Geralmente, quando abordamos a temática das ruínas, de imediato, nos vem à mente paisagens degradadas e arruinadas pelas intempéries do tempo, catástrofes naturais ou ainda pela ação do homem. Essas ideias, invariavelmente, estão associadas ao desolamento e à indignação, pois tendemos a avaliá-las apenas por sua estética caótica ou por suas formas destituídas de função em meio à estrutura urbana. Contudo, uma ruína representa bem mais que isso e, como qualquer patrimônio cultural, apresenta uma história pregressa que traz em si as marcas e as transformações sofridas pela sociedade ao longo dos tempos, por causa disso se encontra carregada de simbolismos e memórias.

Para este trabalho, foi feita uma análise conceitual de ruína à luz das categorias do método geográfico, propostas por Milton Santos, buscando compreender sua inserção no contexto das cidades, bem como entender os processos a que são

submetidas sua forma, função e estrutura. O objetivo foi perceber as ruínas como elementos ativos na composição das paisagens, seu papel no espaço urbano e sua relação com a sociedade. No que tange ao procedimento metodológico empregado neste artigo, o mesmo pautou-se em um levantamento teórico-bibliográfico com base em autores como Walter Benjamim e Georg Simmel, sem perder de vista outros teóricos que versam sobre a temática: turismo em ruínas. Para melhor depreender este conceito, utilizou-se como objeto empírico as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Sabará-MG. Tal escolha foi motivada pelas inúmeras discussões geradas em torno das ruínas desta igreja a partir de uma visita técnica à cidade.

Este estudo está dividido em seções, cuja finalidade foi facilitar a percepção das ruínas como elementos formadores das paisagens urbanas, bem como carregadas de memórias que representam bem mais que simples construções arruinadas e destituídas de forma. Tais fatos estão reforçados e exemplificados a partir da estética disforme da igreja e dos acontecimentos que se sucederam ao longo dos tempos, de modo a possibilitar a reflexão da riqueza desse tipo de patrimônio, que tem muito mais a revelar do que propriamente esconder. Nessas seções, são apresentados os fundamentos teóricos sobre ruínas, turismo e turismo em ruínas, os procedimentos metodológicos e a análise/discussão dos resultados à luz da história da igreja e sua relação com as categorias do método geográfico.

Encerrando este artigo, é feita uma reflexão final acerca desses lugares, que apesar de envoltos em tragédias ou abandonados à própria sorte, também são lugares de memórias; afinal, toda ruína tem uma história anterior ao seu arruinamento e é justamente esse fato que faz delas poderosos objetos de rememoração. Tomando nosso exemplo, com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Sabará, isso não é diferente, pois apresenta essas características e representa um arquétipo de ruína emblemática com forte apelo turístico. Ela é um elemento icônico local que traduz muito bem esse tipo de patrimônio na composição das paisagens urbanas, principalmente quando analisado à luz das categorias do método geográfico que permeiam sua forma, função, processo e estrutura.

## FUNDAMENTOS TEÓRICOS

De acordo com Ferreira (2010): “ruína significa restos de construções desmoronadas; aniquilamento, destruição; perda de bens materiais ou morais; decadência absoluta, derrocada”. Obviamente que estas definições aludem apenas à ideia clássica de ruína e não atendem completamente à proposta deste estudo, que é bem mais abrangente, por considerar as ruínas como formas que perderam sua função precípua, mas que sobrevivem no espaço urbano com outras funções, dentre elas a turística. No entanto, não se pode negar que a ruína traz em sua essência essa conotação de debilidade e declínio, afinal, estas são características indelévels de seu atual estado físico. A representação de decadência que a ruína alimenta

. . . contrasta fortemente com o impulso contemplativo e a obsessão pela conservação, típicos do ambiente romântico. As “novas” ruínas tornam clara a falência de

estruturas do mundo moderno e fazem destacar a vulnerabilidade e a finitude dos valores constitutivos do progresso idealizado da modernidade. (Fortuna, 2016, p. 9)

Em termos estéticos, as ruínas não são propriamente bonitas e organizadas, elas representam uma desordem visual em meio aos demais edifícios que, por vezes, choca. E é essa desarmonia que incomoda os gestores públicos e corrobora firmemente para os processos de turistificação e gentrificação impostos pela modernidade, no sentido de substituí-las ou mesmo eliminá-las das cidades. Estes gestores, afeitos ao discurso urbanístico da higienização e estetização dos espaços, no afã de eliminar essas “mazelas arquitetônicas”, colocam em xeque as ruínas, entendidas por eles como verdadeiros nódulos no tecido urbano que devem ser extirpados.

Seguindo essa linha de raciocínio, Matos (2007, p. 77) é contundente ao afirmar que: “a cidade burguesa caminha para a imposição de sua preferência pelo sólido, o duradouro, a conservação ou a reconstrução, em vez da ruína”. Percebe-se tanto nos discursos do planejamento turístico como nos dizeres de Matos a ameaça à sobrevivência das ruínas em meio às cidades, caso não fique claro seu real valor e papel para a sociedade e a urbe.

Nos dizeres de Walter Benjamin, uma ruína ocorre quando

... algo deste tecido urbano está por desaparecer e ilumina, com uma luz singular e poética, tudo aquilo que o condenou, seu outro e seu contrário. ... possibilitando a fantasmagoria daquelas lembranças ou memórias que, como lacunas da história, permanecem para assombrar o presente e alertar sobre o futuro. (Benjamin, 1989, p. 85)

Feitosa (2013), citando Benjamin, menciona os processos de ordem temporal e as mudanças que acometem as ruínas, fala ainda da movimentação social implícita nelas, de maneira que

... a noção de ruína formulada por Benjamin é fruto de um pensamento envolto em um tecido urbano: um elemento arquitetônico, permeado pelas características subjetivas pertinentes à cidade que percorre vários e inquietos quadros de movimentação social, típicos das dinâmicas das cidades. (Feitosa, 2013, p. 5)

Vista dessa forma, a ruína como elemento da paisagem urbana integra os fixos e contribui para a fruição dos fluxos (Santos, 1988), justamente por despertar a curiosidade tanto de moradores como de visitantes. Tal fato livra a ruína de ser considerada um espaço vazio, sem vida ou uso, uma vez que é

... frequentemente apropriada de diferentes formas por vários atores: residentes das vizinhanças, transeuntes e gente de outras paragens que procura diversão, sossego, aventura etc. Um olhar mais detalhado e prolongado sobre o que se passa nos espaços arruinados e abandonados da cidade demonstra-se um contributo essencial para uma melhor compreensão da própria urbanidade contemporânea. (Sarmiento & Pereira, 2019, p. 36)

Isso porque a ruína se configura como um lugar de memória com forte capacidade de rememoração do passado pela contemplação de seus fragmentos no

presente. De acordo com Meneguello (2003), “a ruína é em si um modo de reconhecer o passado e nela habitam simultaneamente dois tempos, o ocorrido e o presente”. Contextualizando esses aspectos e alinhavados às categorias do método geográfico, conseguimos fluir o conceito de paisagem como sendo aquela

. . . formada pelos fatos do passado e do presente. De modo que a compreensão da organização espacial, bem como de sua evolução, só se torna possível mediante acurada interpretação do processo dialético entre forma, estrutura e função através do tempo. (Santos, 1988, p. 50)

Portanto, ao proferirmos que a ruína representa algo que se encerra, essa afirmação só faria sentido se ela fosse compreendida tão somente em seu aspecto de arruinamento, citando apenas sua finitude, ou como refere Benjamin (1989), sua condição de “fantasma”. Sob essa ótica, ela evocaria apenas sentimentos de desolação, perda ou declínio, o que está muito aquém de sua real condição no espaço urbano. Devemos, assim, percebê-la como um patrimônio, que apesar de arruinado, contém uma história anterior capaz de provocar lembranças de fatos e acontecimentos, pela contemplação de seus “restos” no presente.

Para apreender uma ruína em sua totalidade, é preciso interpretá-la por meio de seus fragmentos, pois é através deles que a obra arquitetônica sobrevive e revela sua história. É, então, em seu aspecto incompleto e fragmentado que a ruína se define, possibilitando diversas leituras, alterando significados e narrativas, permitindo livremente imaginar o que lhe falta, até mesmo seu aspecto total como patrimônio que foi um dia. De modo similar e comungando das ideias de Walter Benjamin, Paraizo (2006, p. 3) nos informa que: “se a ruína, como alegoria, é algo que sobra de um suposto conjunto maior que desapareceu, é também uma tensão entre o efêmero e o eterno, sempre lembrando que o todo, do qual pretensamente é parte, não se pode mais reconstruir”.

De fato, é pela contemplação dos fragmentos de uma ruína que nos reportamos ao passado, e através deles selecionamos memórias, cujas escolhas implicam em lembrar, mas também esquecer. A consequência disso está nos variados significados que lhe são atribuídos e nas diferentes reações e entendimentos que provocam nas pessoas. As ruínas, imbuídas de um sentido essencialmente interpretativo, se configuram como lugares de memória capazes de provocar reflexões e ativar lembranças. Apesar de sua forma caótica e destituída de função, a ruína pode adquirir novas funções, dentre elas a turística. Neste sentido, ela não pode ser simplesmente ignorada ou apagada das cidades, pois carrega em si uma forte carga emocional e simbólica, por vezes mais intensa que os próprios bens patrimoniais conservados.

Partindo do discurso romantizado de Mikhail Bakhtin (1998), existe nas ruínas uma relação cronotopa, ou seja, elas são unidades de tempo e espaço, de modo que as ruínas se reafirmam como lugares que permitem transcender o tempo. Essa combinação entre tempo e espaço, somada à energia simbólica que haure delas, representa o que Benjamin (1987) denomina de aura, e é esta que nos permite emocionar pela contemplação da ruína. Essa energia aurática encontra-se presente nas ruínas e em outros objetos e não possui uma definição contundente, mas sugere interpretações a partir da explicação de Benjamin. Segundo ele,

... a aura é uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho. (Benjamim, 1987, p. 170)

É contemplando a ruína que nos impregnamos de sua aura e somos levados a experimentar sentimentos, muitas vezes controversos, que aludem a um sem fim de sensações que se misturam em meio à perda, desolação, estranheza, curiosidade e fascínio.

Da mesma forma, outro teórico que se debruça sobre a temática das ruínas é Georg Simmel, que as vê como fundadoras de imaginários e motivadoras de emoções. Para este autor as práticas cotidianas não se findam com o arruinação, pois continuam constantemente sendo ressignificadas por aqueles que as observam. Simmel (2005) defendia a ideia de que o principal agente destruidor da obra arquitetônica não era o homem, como se pensava, mas a natureza, que transforma o patrimônio em ruínas. Por isso enfatizou a relação existente entre ruína e natureza, à qual atribuía certa sedução manifestadamente destruidora da natureza sobre a obra humana.

Para ele, o processo que transforma o patrimônio em ruínas seria um tipo de luta travada entre o homem, que pelo impulso artístico submete o espaço natural às edificações erigidas nas cidades, caracterizando assim uma vitória (temporária) sobre a natureza. Por outro lado, as ruínas representam a “vingança” da natureza por meio de suas forças e intempéries, que retoma para si o que lhe foi tirado um dia, ou seja, ela se apropria das partes destruídas, cobrindo-as de vegetação, incorporando-as paulatinamente ao espaço e conferindo-lhes novas totalidades.

Ao se referir às cidades, e especificamente às estruturas arquitetônicas, Simmel (2005) afirmava ser o espaço urbano o local principal das lutas travadas pela apropriação dos espaços, onde prédios, casas, praças e pontes são apenas “trunfos” temporários do espírito humano. Mas que, cedo ou tarde, a natureza reivindica novamente para si o que ela perdeu para o homem. Entretanto, a natureza não se apropria de imediato das ruínas, o autor é enfático em dizer que existem dois tipos (estágios) de ruínas: aquelas denominadas de “ruínas frescas”, onde não se constata a presença de flora em seus restos, e “ruínas tardias”, quando o crescimento de vegetação começa a incorporar os escombros, paredes, telhados, enfim, todas as suas partes ao ambiente natural.

Por tudo que foi dito até o momento, é possível tecer algumas considerações a respeito das ruínas no espaço urbano, tomando por base as contribuições teóricas de Milton Santos sobre as categorias do método geográfico. Nesse sentido, iniciamos pelo conceito de espaço geográfico, abordado sob a perspectiva das formas-conteúdo, de modo que as formas não existem por si só, já que são dotadas de conteúdo e significação e tomam corpo por meio da ação humana. Sob esse viés, o autor nos esclarece que

... como as formas geográficas contêm frações do social, elas não são apenas formas, mas formas-conteúdo. Por isso, estão sempre mudando de significação, na medida em que o movimento social lhes atribui, a cada momento, frações diferentes do

todo social. Pode-se dizer que a forma, em sua qualidade de forma-conteúdo, está sendo permanentemente alterada e que o conteúdo ganha uma nova dimensão ao encaixar-se na forma. A ação, que é inerente à função, é condizente com a forma que a contém: assim, os processos apenas ganham inteira significação quando corporificado. (Santos, 1988, p. 2)

Ou seja, neste espaço não imperam somente a técnica e os tempos diferenciais, mas também o cotidiano carregado de simbolismos e significações; o que sugere dizer que o espaço é fruto de uma realidade objetiva. Sendo mais específico, que o espaço é

... um produto social em permanente processo de transformação e que impõe sua própria realidade, por isso a sociedade não pode operar fora dele. Consequentemente, para estudar o espaço, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a compreensão da produção do espaço. (Santos, 1988, p. 49)

Sendo assim, podemos entender que o espaço urbano é influenciado por diversas dinâmicas, resultantes das relações sociais (coletivas e subjetivas) que ocorrem nele, e por meio dele são estabelecidas de maneira intensa, produzindo novas configurações espaciais. Torna-se notório que é a partir das vivências no coletivo e das construções subjetivas que ocorrem as interações com o local, bem como as transformações do espaço que lhe conferem novas configurações. Consequentemente, a produção espacial

... realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico. E, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. (Carlos, 2007, p. 20)

Ao analisar o espaço, nos deparamos com as categorias geográficas que se definem a partir de conceitos como território, região, paisagem e lugar (Santos, 1999). Tais conceitos são considerados neste estudo justamente para aclarar a compreensão das categorias sugeridas por Milton Santos, que envolvem forma, função, processo e estrutura e nos permitem entender as múltiplas inter-relações e conexões que as ruínas podem promover no espaço urbano. Nessa linha de raciocínio, o território pode ser entendido como um espaço delimitado, cujas fronteiras são definidas pelo homem ou pela natureza, mas que nem sempre são visíveis ou bem definidas, uma vez que estão assentadas nas relações de poder, dominação e apropriação desses espaços. Segundo Saquet & Silva (2008, p. 31): “o território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma gama muito grande de atores que territorializam suas ações com

o passar do tempo”. Um exemplo desse tipo de territorialização é a Estrada Real<sup>2</sup>, que abarca os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Por sua vez, uma região pode ser criada para realizar estudos sobre as características gerais de um território, por exemplo, a região Sudeste. Da mesma forma, para entender determinados aspectos específicos do espaço, como as regiões geoeconômicas do Brasil, para analisar a economia brasileira ou para evidenciar suas práticas culturais, entre outros tantos critérios.

Na compreensão do espaço, temos ainda a paisagem como resultado de um constante processo de modificação e adaptação, fruto das ações e inter-relações entre o homem e a natureza. O conceito de paisagem recebeu uma grande contribuição de Paul Vidal de La Blache no início do século passado, quando a definiu como tudo aquilo que os olhos conseguem abarcar. Porém, o entendimento de paisagem atualmente extrapola o mero olhar e recai sobre a forma de interpretá-la, fundamentada principalmente nas inter-relações com seus elementos naturais, culturais, técnicos e socioeconômicos. A formação das paisagens se dá por uma série de processos cumulativos ao longo dos tempos, que estão intrinsecamente ligados às manifestações e fenômenos espaciais que podem ser apreendidos pelo homem através de seus sentidos. Um exemplo de paisagem urbana é a cidade de Sabará.

Já o lugar pode ser definido como o espaço percebido e seu conceito está associado ao *espaço afetivo*, ou seja, aquele local com que uma determinada pessoa possui certa familiaridade ou intimidade, que pode ser uma rua, uma praça, uma igreja ou a própria casa. Por muito tempo, a Geografia tratou o lugar de maneira pontual, como uma expressão do espaço geográfico. Contudo, as discussões que implicam o lugar como categoria geográfica têm sido abordadas sob outras acepções, que abrangem o lugar como experiência e como singularidade. O lugar como experiência caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao ambiente. Nesse momento, ele passa a ser visto como resultado de uma construção de significados calcados na experiência e em referenciais afetivos vivenciados pela pessoa ao longo dos tempos. O lugar como singularidade é resultante das características histórico-culturais inerentes de seu processo de formação e está relacionado com a prática cotidiana compartilhada por diversas pessoas e instituições, nos remetendo à noção de “espaço vivido”. As ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos são um bom exemplo de lugar para os sabaraenses, assim como para seus visitantes.

Cumprir dizer que ao estudar o espaço é necessário apreender sua relação com a sociedade, pois é nela que reside a verdadeira compreensão dos processos em relação ao tempo e às mudanças, e que especificam as noções de forma, função e estrutura, elementos fundantes da produção espacial. Vale lembrar que sempre que a sociedade sofre uma mudança, suas formas adquirem outras funções, que adaptadas, criam novas organizações espaciais, de maneira que o funcionamento

---

2. A Estrada Real é a maior rota turística do país. São mais de 1.630 km de extensão, passando por Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Hoje, ela resgata as tradições do percurso valorizando a identidade e as belezas da região. A sua história surge em meados do século XVII, quando a Coroa Portuguesa decidiu oficializar os caminhos para o Trânsito de ouro e diamantes de Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro. As trilhas que foram delegadas pela realeza ganharam o nome de Estrada Real (Instituto Estrada Real, [ca. 2000]).

dessa estrutura atribua determinados valores às formas. A cidade, como resultado de uma complexa organização espacial, encontra-se pautada em constantes interações entre seus fixos e fluxos (Santos, 1988). Esses fixos, considerados como elementos espaciais georreferenciados, são erigidos pela ação humana e dotados de uma intencionalidade (função) que justifica sua construção. Além disso, geram fluxos que dão sentido e vida a cada momento, provocando inúmeras inter-relações, podendo inclusive produzir conhecimento ao agregar-lhes outros valores de cunho sociocultural, histórico e econômico, como é o caso do turismo. De fato, o fenômeno turístico direciona fluxos, aproxima os visitantes de seus visitados, estimula interações e, invariavelmente, proporciona lazer e conhecimento. Por conseguinte, a visitação em ruínas, como parte da atividade turística, também desperta o conhecimento, gera fluxos, promove reflexões e sentimentos com base na contemplação de suas formas arruinadas, que revelam as mudanças sofridas por elas ao longo dos tempos.

Milton Santos acredita que para entender a evolução da totalidade socioespacial das cidades é necessário que se interprete a relação dialética entre estrutura, processo, função e forma de seus elementos. Posto isso, uma ruína pode ser interpretada como elemento da paisagem, apesar de desprovida de sua forma original, transformada pela ação contínua do tempo e da perda de sua função, ela se mantém como elemento ativo nas paisagens urbanas. A análise da estrutura reflete o modo como a ruína está inter-relacionada com os demais elementos do espaço urbano, como ela se encontra inserida neste espaço e que tipos de relações podem ser estabelecidas com a população local. Um olhar mais acurado sobre a ruína permite desvelar um local impregnado de lembranças e que possibilita diversas releituras, podendo contribuir para a construção coletiva de uma memória social. O processo que a define é fruto de uma ação contínua e que implica mudanças no decorrer do tempo, evidenciando a evolução das sociedades que ali construíram e ainda constroem diferentes relações de poder nesses lugares.

O fato é que as ruínas se apresentam no espaço urbano como construções deterioradas pela ação do tempo, como obras inacabadas, pontes desabadas, muros desmoronados, restos de demolição, escombros de casas e prédios, o que denota que nem toda ruína tem essa capacidade de fazer rememorar. Tampouco despertam a atenção dos visitantes como atrativos turísticos, pois estas não passam de pilhas de entulhos. Sobre a significação que algumas ruínas carregam em seus fragmentos, Oliveira (2012, p. 22) lembra que elas “tem muito mais a ocultar que a evidenciar”. Isso demonstra a necessidade de alcançá-las em sua totalidade, não bastando apenas olhar para o momento atual; é preciso compreender os processos históricos e socioeconômicos que as levaram a assumir outras formas e funções na estrutura urbana.

## **METODOLOGIA**

O procedimento metodológico empregado neste artigo se pautou em um levantamento teórico-bibliográfico, com base em autores que abordam as ruínas, como Walter Benjamin e Georg Simmel, sem perder de vista outros teóricos que abordam as temáticas turismo, ruínas e turismo em ruínas. No que tange

às categorias do método geográfico, foi usada a literatura *Espaço & método*, de Milton Santos (1988), para depreender mais acuradamente o tema.

Durante a realização do levantamento bibliográfico sobre as ruínas, verificou-se que elas podem ser abordadas de diferentes modos, dada a multiplicidade de formas que as caracterizam, pelos variados estados de conservação que se encontram, os tipos de agentes e os níveis de degradação aos quais estão acometidas. Por tudo isso, foi escolhida a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos como objeto empírico deste trabalho, para dar uma ideia mais precisa do tipo de ruína que serve à atividade turística. Outro fator que motivou sua escolha foi o grande impacto que suas ruínas causaram nos alunos do curso técnico em Turismo do Colégio Estadual João de Oliveira Botas, de Búzios-RJ, durante uma visitação a Sabará-MG. Esses alunos ficaram bastante impressionados com seu aspecto estético e sua imponência, o que fomentou inúmeras discussões e dúvidas sobre o real papel das ruínas nos lugares turísticos, como é Sabará. Corroborou também para a escolha o fato desta igreja arruinada manter em funcionamento uma capela e um museu em seu interior, colocando esta ruína em um patamar diferenciado das demais, justamente por manter sua função precípua de lugar de celebração de práticas religiosas. Finalmente, contribuiu ainda para sua escolha o fato desta igreja ter sido uma das primeiras ruínas tombadas no Brasil pelo Iphan.

O valimento deste estudo se justifica pela tentativa de entender a inserção das ruínas e as reflexões que permeiam este tipo de patrimônio na paisagem urbana, reconhecidamente como lugares de memória. Essa ideia é analisada a partir da evolução das paisagens, implícitas nas categorias do método geográfico.

## **AS RUÍNAS DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS EM SABARÁ-MG**

Como as ruínas se configuram em uma multiplicidade de formas, inseridas em distintos contextos e com variados níveis de conservação/degradação, tornou-se necessário delimitar o tipo de patrimônio arruinado para referenciar este estudo. Assim, por meio das ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi possível identificar e explicar os processos que um patrimônio sofre ao longo dos tempos em sua forma, função e estrutura. Também permitiu orientar sua análise como produto social em constante processo de mutação, cuja sociedade busca a compreensão de seus efeitos como um fenômeno espacial total. Tal ideia coaduna com o fato desta ruína se configurar como uma obra arquitetônica historicamente inacabada e com localização privilegiada no centro histórico de Sabará, o que permite a fruição de fluxos constantes de visitação, ao mesmo tempo, que faz aflorar uma gama de sentimentos controversos naqueles que a visitam.

Quando se chega ao Centro Histórico de Sabará, mais precisamente na Praça Melo Viana, avista-se uma construção inacabada que se agiganta em meio às casas e sobrados. Incrustada no ponto mais alto do entorno da praça, ela chama a atenção por sua imponência, mas também por despertar sentimentos de desolação e perda. Ladeada por duas ruas que dão acesso à parte mais alta da cidade, ela se mostra majestosa e enigmática para aqueles que a visitam. Trata-se das ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, uma construção

iniciada no final do século XVIII, pela Irmandade do Rosário dos Homens Pretos da Barra de Sabará.

Remetendo-nos um pouco à história, as obras da Igreja sofreram várias paralisações no decorrer dos anos, motivadas principalmente por dificuldades financeiras que a irmandade vinha passando. Além disso, a crise econômica que se abateu sobre a região, pela escassez do ouro e pelo incipiente movimento de libertação dos escravos, contribuiu sobremaneira para a inviabilização de sua conclusão. Assim, por volta de 1878 a Irmandade abandonou de vez a obra no ponto em que se encontra atualmente. Ela foi uma das primeiras igrejas e uma das primeiras ruínas tombadas no Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 13 de junho de 1938, e está inscrita no livro de tomo das Belas Artes.

**Figura 1** – Vista parcial da Praça Melo Viana com as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos ao fundo



**Fonte** – Recuperado de <http://bit.ly/368ISjO>. Acesso em: 10 dez. 2019.

**Figura 2** – Vista aproximada da fachada da Igreja com adro e escadarias



**Fonte** – Recuperado de <http://bit.ly/34WIUK0>. Acesso em: 10 dez. 2019.

**Figura 3** – Interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos: vista da portada e lateral



**Fonte** – Recuperado de <http://bit.ly/34WlUK0>. Acesso em: 10 dez. 2019.

**Figura 4** – Interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos: capela



**Fonte** – Recuperado de <http://bit.ly/34WlUK0>. Acesso em: 10 dez. 2019.

A estrutura da Igreja é toda em alvenaria de pedra com enquadramento dos vãos em cantaria. A planta compreende duas secções retangulares, a primeira representada pela nave, alargada nos flancos laterais da fachada pelas bases das torres, e a segunda contendo a capela-mor e, lateralmente, as sacristias. O adro da edificação dá acesso a uma escadaria de dois lances. Sua fachada apresenta porta principal de grande vão, duas aberturas superiores para janelas e duas seiteiras (ou flecheiras) em cada flanco na base das torres.

Esta ruína abriga em seu interior uma pequena capela, construída de modo “provisório”, até que a Igreja ficasse pronta, mas que funciona até os dias de hoje. Encontra-se inserida no corpo da nave, a partir da sua metade até o arco-cruzeiro, todo feito em pedra, que liga a capelinha à capela-mor. Esta capelinha possui volume autônomo e forma retangular, internamente seu piso é de assoalho comum, com teto forrado de esteira caída e coro rústico, apoiado em madeira.

Já a capela-mor é a única parte acabada do que seria a estrutura definitiva da Igreja, e apresenta piso em campas (sepulcros), enquadramento dos vãos em cantaria e teto de tábuas, em caixotões, com pintura decorativa. As duas sacristias se comunicam com a capela-mor, sendo a do lado direito feita de assoalho liso e forro caiado, enquanto a da esquerda tem piso de tijolos e cobertura de telha vã. É na primeira que se encontra o pequeno museu de arte sacra. A capela não possui revestimento em ouro, mas sim pintura tosca. No altar-mor vê-se a imagem de Nossa Senhora do Rosário ladeada por dois santos da irmandade: São Benedito e Santa Efigênia.

Em relação a sua função, ela apresenta algumas particularidades, por abrigar em seu interior uma capela, de modo que mantém sua função precípua de lugar religioso para celebração, o que é inusitado para um patrimônio arruinado. Em sua parte acabada, há um acervo de fotos e objetos religiosos que fazem parte de sua história, o que lhe confere outra função: museu de arte sacra.

## **TURISMO EM RUÍNAS**

O turismo, enquanto fenômeno socioespacial, se apropria da ruína pela atividade turística, cuja prática é capaz de oferecer inúmeras possibilidades de interações, principalmente entre os visitantes e o local visitado. Conforme sugere Paiva (2013, p. 136), “a atividade turística compõe-se de uma das principais práticas socioespaciais da contemporaneidade, pois estimula o contato com outras pessoas e possibilita a interação com o espaço”. Aguinaldo Fratucci elucida melhor este assunto ao dizer que:

... o turismo entendido e compreendido como fenômeno é fruto de uma prática social com fortes imbricações espaciais. É um fenômeno social porque envolve pessoas e seus relacionamentos; é espacial, por envolver sempre os deslocamentos e as ações daquelas pessoas pelo espaço percorrido e visitado. (Fratucci, 2008, pp. 28-29)

Na produção e consumo do espaço turístico é a segmentação que dita o modo como ele será apropriado, uma vez que “cada modalidade de turismo requer demandas espacializadas” (Coriolano & Silva, 2005, pp. 107-108). De acordo com essa lógica, percebe-se que é por meio da segmentação turística que essas modalidades se relacionam não apenas com as preexistências ambientais, mas também com suas práticas sociais (cotidianas e tradicionais), que são adaptadas ou transformadas em atrativos ou em lugares turísticos. Daí a inclusão das ruínas nos roteiros locais, o que não é de se espantar, pois muitas pessoas procuram ou se identificam com este tipo de patrimônio. Em contrapartida, há aqueles que anseiam incondicionalmente pela busca do novo e do moderno. Desse modo, existe espaço para todas essas demandas, inclusive o turismo em ruínas. Neste tipo de turismo, identificamos como recursos as marcas deixadas pelas intempéries do tempo (sol, vento e chuva); pelas tragédias ocasionadas pelas forças da natureza (terremotos, tsunamis, erupções vulcânicas, furacões e enchentes) ou ainda a partir das (in)ações do homem caracterizadas pelo abandono, negligência ou guerras.

De acordo com Simmel (2005), as ruínas ganharam *status* de atração turística no início do século XX, quando se criou o hábito de contemplar ruínas meramente por lazer ou curiosidade. Diferentemente de outros tipos de patrimônios, a ruína não necessariamente precisa de grandes adaptações para sua consumação como atrativo turístico, já que é essencialmente sua estética degradada que gera fluxos. Assim, mesmo com adaptações mínimas em sua forma nada harmônica, elas ainda atraem grandes contingentes de pessoas ávidas por conhecê-las. Razão pela qual as ruínas se caracterizam muito mais como algo a ser interpretado do que propriamente adaptado ou mesmo reconstruído/restaurado. O que nos leva a crer que

... o espaço turístico é determinado a partir do momento em que existe o interesse e a visitação a um determinado local pelas pessoas, ou seja, não depende exclusivamente da formatação de locais e produtos para o consumo, fruto da turistificação. (Paiva, 2013, p. 134)

A ruína, pela sua própria condição, teoricamente estaria fadada ao abandono e ao completo desprezo por parte dos visitantes, mas acaba por tornar-se um atrativo turístico, quando passa a despertar a curiosidade das pessoas e gerar fluxos para si, caminhando deste modo na contramão do esquecimento. Simmel (2005) explica que as ruínas estimulam os sentidos numa relação especialmente temporária e baseada em critérios estéticos.

Este fato é cotidianamente observado nas ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, cuja localização privilegiada facilita a geração de fluxos de pessoas atraídas pela visão instigante que ela proporciona. Muitos visitantes se mostram interessados em entender o porquê de sua obra inacabada, outros, porém, se mostram intrigados com os reais motivos que a levaram ao estado de ruína. O certo é que durante a visitação em Sabará, as pessoas se deparam com as ruínas dessa igreja e ficam estarecidas, envoltas em um misto de sentimentos que aludem à desolação, surpresa, curiosidade e admiração, mas jamais ficam alheias a sua presença emblemática.

A ruína como obra arquitetônica deteriorada, desmoronada ou em escombros teria fim certo dentro da lógica das cidades. Contudo, a expressão espacial da atividade turística é tão genuína e perspicaz que transforma ruínas em atrativos turísticos, impedindo muitas vezes sua demolição. Nicolas (2001, p. 49) fala que “o turismo cria, transforma, e inclusive valoriza diferencialmente espaços que poderiam não ter nenhum valor no contexto da lógica da produção”. Já para Paiva (2013, p. 134),

... o turismo não só estimula a criação de novas configurações urbanas e arquitetônicas, como se vale das existentes, inclusive as concebidas e erguidas dentro de contextos histórico-sociais absolutamente distintos no tempo e no espaço. Principalmente ... quando a motivação de sua construção não guardava nenhuma relação com o turismo, pois tinham sua função relacionada à afirmação do poder político ou religioso, ao poder econômico ou à lógica da produção industrial e aos avanços tecnológicos.

A compreensão do significado das ruínas e seu papel no contexto urbano e turístico pode ser encontrada na pesquisa de David Lowenthal (1975), que se baseia no imaginário histórico que a presença de uma ruína pode despertar em cada visitante. Segundo este autor, as ruínas adquirem diversos sentidos e podem ser entendidas como:

- evocação de um passado extinto, onde ganham conotação de antiguidade e se aproximam de uma determinada comunidade em que tecnologia e arte, cultura e natureza se equilibram. Portanto, as ruínas antigas contêm um sentimento de equilíbrio no espaço.
- oriundas de um processo de invenção e surpresa estética, onde o passado é continuidade. E assim, tal como ele, também as ruínas nos falam de um processo de acumulação criativa de fatos e acontecimentos do qual descendemos e somos herdeiros, o que transmite segurança pessoal e social.
- aprendizagem do passado por meio da imagem atual, ou seja, as ruínas são entendidas como percepções do passado, cujo finalismo está contido no fragmento que é a ruína. Ela é um sinal de estabilidade, de obra acabada, que nos enche de confiança perante a incompreensão e a desordem do presente.
- relíquias e invenções dos tempos passados a partir da perspectiva do presente. O passado é uma sequência, um traço de união entre dois momentos temporais, um aspecto de que somos incapazes de atribuir ao presente. Por isso a ruína nos conforta e ajuda a ordenar e a tornar compreensível esse passado. (Lowenthal, 1975, pp. 52-67)

A pesquisa de Lowenthal evidencia as ruínas como grandes motivadoras da cultura e do turismo, além de dirimir o preconceito existente em relação ao patrimônio arruinado no ordenamento urbano, considerado como algo a ser descartado.

As ruínas estão atreladas a relatos históricos, configurando-se de algum modo como lugares de evocação de memórias e, por isso, tornam-se relevantes no contexto das cidades. Da mesma forma, as ruínas são extremamente importantes para o turismo; vale lembrar, por exemplo, de Machu Picchu no Peru; Acrópole na Grécia; Mesa Verde nos Estados Unidos; Angkor no Camboja; Grandes Pirâmides e Memphis no Egito; Tikal na Guatemala; Petra na Jordânia; Coliseu na Itália; a Grande Muralha na China; Palmira na Síria e o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo no Brasil. Todas essas ruínas se configuram em atrativos turísticos por excelência, dada sua originalidade e singularidade, e portanto capazes de gerar grandes fluxos de visitação.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Através deste estudo foi possível demonstrar a importância das ruínas para o turismo e como estas podem ganhar maior visibilidade e notoriedade, quando entendidas e interpretadas à luz das categorias do método geográfico. Obviamente

que uma ruína é um elemento singular no espaço urbano e como tal se alinha melhor a alguns conceitos e categorias que outras.

O patrimônio arruinado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos possui algumas singularidades que são próprias de seu processo de transmutação em ruínas, podendo ser analisado a partir de sua forma, função e estrutura. Como toda ruína, ele possui uma trajetória histórica e se encontra inserido em um contexto socioespacial, que imbuído de significados e valores é capaz de atestar sua espacialidade e territorialidade humana, remetendo essas ruínas ao conceito de lugar. Da mesma forma, se enfatizarmos somente os aspectos visuais, estéticos e cênicos das ruínas da Igreja, essa análise ganha uma conotação experiencial, simbólica e subjetiva, que aguçada pela relação dos visitantes e moradores com o seu espaço de inserção passa a ser analisada na perspectiva da recepção visual ou da ressignificação espacial, o que sugere o conceito de paisagem.

Dito isso, é possível observar nas ruínas da Igreja a coabitação de dois tempos: o ocorrido e o presente. Como patrimônio arruinado atende às funções de antiguidade, continuidade e finalismo, justamente por ser detentora de fatos e acontecimentos que marcaram sua existência, colocando aqueles que a admiram como herdeiros de sua criação. Por outro lado, esteticamente ela impõe sua presença incômoda e inacabada na praça principal de Sabará. Esta ideia de perturbação da ordem estética da cidade perde sentido quando o visitante ou o morador entende que se trata mais de falta de informação do que propriamente beleza. Segundo Oliveira (2012), “as ruínas têm muito mais a nos ocultar do que a revelar”, já que em sua forma hodierna tanto visitantes como moradores não conseguem alcançar todos os processos que culminaram para o aspecto atual de ruína. Tal fato reforça a necessidade de conhecer melhor esse tipo de patrimônio em sua plenitude e desse modo aprender a valorizá-lo no tecido urbano.

As ruínas da Igreja, quando analisadas a partir das quatro categorias do método geográfico, denotam o aspecto inacabado e arruinado de sua forma, que carrega em si a decadência do ciclo do ouro nas Minas Gerais, ao mesmo tempo que evidencia os últimos momentos da escravidão no país. Todavia, a função religiosa foi mantida graças à capela erigida em seu interior, que preservou sua função precípua de templo hierático para celebração. Em relação à estrutura, esta se materializa em suas partes originais arruinadas, nas partes originais acabadas, onde se encontram a capela-mor, as duas sacristias e o museu de arte sacra, além da parte “construída provisoriamente”, que abriga a capelinha. Na análise da estrutura podemos ainda entender as múltiplas inter-relações que essas ruínas estabelecem com os demais elementos arquitetônicos do entorno da praça. Por fim, o processo é representado pela ação contínua do tempo e das mudanças ocorridas na forma da Igreja ao longo dos anos, aos poucos transformando-a em ruínas. Isso resultou na recomposição das paisagens, que propiciou novos arranjos, permitindo outros usos no espaço urbano, inclusive o turístico.

O turismo em ruínas tem se apresentado como um meio eficaz para cumprir esse papel, pois se configura em uma forma bastante usual para levar conhecimento àqueles que contemplam ruínas, já que à primeira vista eles não conseguem compreender plenamente os reais motivos que fizeram desta Igreja uma obra inacabada e arruinada pelo tempo. Sem informações, os visitantes especulam o porquê de se manter esta ruína no centro histórico de Sabará, questionam sua continuidade, sugerem sua derrubada ou mesmo não entendem por que ela

não pode ser restaurada, afinal trata-se de uma cidade com forte tradição católica. Nesse sentido, a atividade turística corrobora para vivenciar o contexto histórico que a emoldurou ao longo dos tempos, possibilitando novas interpretações e releituras capazes de dar sentido ou evocar sentimentos a partir das narrativas discursivas durante a visitação em seu espaço.

## CONCLUSÃO

Milton Santos (1988), ao explicar a formação de uma paisagem, descreve as sucessivas formas que ela adquire ao longo dos tempos. Isso ocorre igualmente com o patrimônio arquitetônico, que pode ter sua forma, função e estrutura modificadas por variados agentes que provocam desde pequenas mudanças até profundas transformações; é neste momento que passa a se enquadrar a paisagem como ruína, destoando de seu entorno. Sua presença no tecido urbano torna-se indesejável, deixando de receber a devida atenção dos planejadores, que a abandonam à própria sorte. A ruína então adquire uma condição de invisibilidade, que só muda quando esta está prestes a desmoronar completamente ou quando é destruída, fazendo aflorar algum sentimento pela perda daquele patrimônio.

Este comportamento se reproduz quase involuntariamente, pois a ideia de ruína como algo descaído e sem valor está presente no senso comum da maioria das pessoas, sendo reforçado por sua estética disforme que “contamina e enfeia” a cidade. Não obstante, essa ideia está impregnada com uma visão reducionista, fruto da leitura precipitada do real potencial que as ruínas carregam em si. E não apenas o ar melancólico e trágico (Benjamin, 1984) ou como o resultado vitorioso da natureza que subjuga o espírito humano (Simmel, 2005), mas como elos que unem temporalidades e narrativas históricas. Nesta perspectiva, o patrimônio arruinado transcende a tudo isso e passa a representar a conexão com o passado; materializado nessa outra forma, que, mesmo sem funcionalidade aparente, se adéqua a uma nova estrutura, imprimindo novos usos no tecido urbano.

Produzida pelo tempo, uma ruína se torna um espaço de visitação carregado de simbolismos, que se caracteriza como uma fonte nostálgica de informação e memória. Como símbolos físicos e enquanto representantes de um passado em meio ao presente, a ruína implica a existência de um grau mínimo de forma, que a sustente e a distinga de uma simples pilha de escombros, de modo a aludir aos antecedentes históricos que pautaram a vivência das pessoas naquele espaço. Sua importância para as cidades se justifica notadamente por reunir, de maneira indissociável, dois elementos em sua forma atual: a representação e a deterioração, e é a partir desses elementos que elas se valem para continuar sobrevivendo no espaço urbano.

No que se refere ao turismo, alguns tipos de ruínas adquirem o status de atrativo turístico, justamente por representar uma evolução histórica, paisagística e até decadente daquela localidade, razão pela qual é capaz de rememorar o passado. Por outro lado, existe um misto de fascínio e desolação em seus fragmentos, que desperta a curiosidade daqueles que as contemplam. Podemos dizer que a ruína preserva a memória de determinados grupos e transforma lugares esquecidos em lugares de memória (Nora, 1993).

A própria condição das ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos nos leva a refletir acerca de sua transitoriedade e dos demais bens

patrimoniais ao longo dos tempos, evidenciando a fragilidade humana ante a natureza. O arroubamento que este patrimônio arruinado provoca em seus observadores é intrigante, mas justificável pelo poder que tem de representar o passado pelos seus restos no presente. O passado histórico materializado nas ruínas da Igreja corrobora para dar movimento e vivacidade ao centro histórico de Sabará.

Finalmente, à guisa de conclusão, podemos dizer que a principal contribuição deste estudo foi justamente chamar a atenção para um tipo de patrimônio pouco valorizado pela população e seus governantes, mas que tem muito a revelar sobre a história local. Vale enfatizar que o referido trabalho focalizou prioritariamente o turismo em ruínas sob o ponto de vista das categorias do método geográfico, o que acabou delimitando este estudo e o ausentando de outros aspectos relevantes, como memória social, lugares de memória e identidade cultural. Portanto, cabe a sugestão desses temas para futuros trabalhos associados às ruínas.

---

## REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. (1998). Formas de tempo e de cronotopo no romance: Ensaio de poética histórica. In *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance* (pp. 349-363). São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Benjamin, W. (1984). *A origem do drama barroco alemão*. (S. P. Rouanet, trad.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1987). *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas, 3a ed., Vol. 1). (S. P. Rouanet, trad.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1989). Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo. In *Obras Escolhidas III* (pp. 112-154). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Carlos, A. F. A. (2007). *O lugar no/do mundo*. São Paulo, SP: Labur.
- Coriolano, L. N. M. T., & Silva, S. B. M. (2005). *Turismo e Geografia: Abordagens críticas* (1a ed.). Fortaleza, CE: Eduece.
- Feitosa, A. R. V. (2013). *Ruínas e(m) memórias da(na) histórica Laranjeiras/SE*. Comunicação apresentada no XXIX Congresso Latinoamericano de Sociología, Santiago, Chile.
- Ferreira, A. B. H. (2010). *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (5a ed.). Curitiba: Positivo.
- Fortuna, C. (2016). Patrimônio com Futuro... Ou sobre a resiliência das cidades. *Revista Patrimônio*, (4), 6-13.
- Fratucci, A. C. (2008). *A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: As possibilidades das redes regionais de turismo*. (Tese de doutorado), Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.
- Instituto Estrada Real. [ca. 2000]. *Estrada Real: História*. Recuperado de <http://www.institutoestradaareal.com.br/estradaareal>
- Lowenthal, D. (1975). *The past is a foreign country*. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press.
- Matos, O. (2007). Notas soltas sobre a “descoberta” da arqueologia no século XIX. *Práxis Archaeologica*, (2), 75-96.
- Meneguello, C. (2003). *Da construção das ruínas: Fragmentos e criação do passado histórico*. Comunicação apresentada no XXII Simpósio Nacional de História da Anpuh, João Pessoa, PB, Brasil.

- Nicolas, D. H. (2001). Elementos para uma análise sociogeográfica do turismo. In A. B. Rodrigues (Org.), *Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais* (pp. 38-50). São Paulo, SP: Hucitec.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. In *Lugares de memória* (pp. 7-28). (Obra original publicada em 1984).
- Oliveira, E. A. (2012). A ruína e a força histórico-destrutiva dos fragmentos em Walter Benjamin. *Cadernos Walter Benjamin*, 9, 28-39.
- Paiva, R. A. (2013). Sobre a relação turismo e urbanização. *Pós*, 20(33), 126-145.
- Paraizo, M. A. (2006). As cidades folheadas de Borges e Benjamin. *Interletras*, 1(5), 1-10.
- Santos, M. (1988). *Espaço & método*. São Paulo, SP: Nobel.
- Santos, M. (1999). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Saquet, M. A., & Silva, S. S. (2008). Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. *Revista Geo Uerj*, 2(18), 24-42.
- Sarmiento, J., & Pereira, R. (2019). Achados, diálogos e percepções: A vida informal das ruínas. In E. Brito-Henriques, C. Cavaco, M. Labastida (Orgs.), *Ruínas e terrenos vagos: Explorações, reflexões e especulações* (pp. 36-41). Lisboa, Portugal: Universidade de Lisboa.
- Simmel, G. (2005). As ruínas. In J. Souza, B. Öelze (Orgs.), *Simmel e a modernidade* (2a ed., pp. 137-144). Brasília, DF: UnB.

Recebido em: 31/01/2018

Aprovado em: 04/10/2018

---

## CONTRIBUIÇÕES

**José Ângelo Carneiro:** Definição do problema de pesquisa e objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, coleta de dados, análise de dados, elaboração de tabelas, gráficos e figuras, redação do manuscrito.

Valéria Lima Guimarães: Realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, análise de dados, revisão crítica do manuscrito, adequação do manuscrito às normas da RTA.